



Turismo no espaço rural como instrumento de valorização patrimonial em assentamentos de reforma agrária: o caso de Rosana, São Paulo

Tourism in rural areas as an instrument of heritage valuation in Agrarian Reform Settlements: the case of Rosana, São Paulo

Leonardo Giovane Moreira-Gonçalves¹

RESUMO: Os traços culturais tradicionais vêm se reinventando frente ao anseio de inovar. Nessa conjuntura, o presente artigo teve como objetivo refletir e exemplificar sobre as possibilidades do turismo no espaço rural como instrumento de valorização do patrimônio cultural em assentamentos de reforma agrária, a partir dos casos dos assentamentos de Rosana, no Estado de São Paulo. A fim de lograr esses objetivos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental exploratória em livros, revistas, sites e documentos que abordassem os temas verticais e horizontais propostos. Além disso, utilizou-se relatos orais obtidos durante o processo de inventariação para o Museu do Assentado. Por meio dessa metodologia, tornou-se possível identificar o turismo no espaço rural como um agente mitigador do êxodo rural, diversificador econômico, mantenedor das paisagens e desmistificador de preconceitos. Sobretudo, observou-se que a prática de turismo em assentamentos rurais permite o despertar da comunidade

¹ Bacharelado em Turismo pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - Campus de Rosana). Mestrado em andamento em Museologia pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Turismo no Espaço Rural (GEPTER). E-mail: leonardo.giovane@unesp.br

quanto a valorização, salvaguarda e empoderamento a respeito de seu patrimônio cultural.

Palavras-chave: Turismo no Espaço Rural; Valorização Patrimonial; Assentamentos de Reforma Agrária; Rosana

ABSTRACT: Traditional cultural traits have been deteriorating in the face of a cultural innovation sector. This article aimed to reflect and exemplify the possibilities of tourism in rural areas as an instrument of appreciation of cultural heritage in agrarian reform settlements, focusing on the Rosana settlements. In order to achieve these objectives, an exploratory bibliographic and documentary research was carried out on books, magazines, websites and documents that address the proposed themes. In addition, was used oral reports obtained during the inventory process for the Museu do Assentado. Through this methodology, it became possible to identify tourism in rural areas as a mitigating agent for rural impact, economic diversifier, maintainer of landscapes and demystifying prejudices. Above all, the practice of tourism in agrarian settlements allows the community to awaken in terms of valuing, safeguarding and empowering respect for their cultural heritage.

Keywords: Rural tourism; Heritage valuation; Agrarian Reform Settlements; Rosana

1 INTRODUÇÃO

O município de Rosana, território basilar desta pesquisa, localiza-se no extremo sudoeste do estado de São Paulo, no Pontal do Paranapanema. A região vivenciou intenso período de disputa pelo território no final do século XIX, com desmatamento, genocídio indígena, ocupação ilegal de terras, grilagem e instalação de Usinas Hidrelétricas (UHE) (SOBREIRO FILHO, 2012).

Segundo Leite (1998) a intensa migração de nordestinos e sulistas para a região do Pontal se deu por volta de 1980, para a construção da UHE Engenheiro Sergio Motta de Porto Primavera (SP), no rio Paraná, a UHE de Rosana (SP) e a UHE Taquaruçu de Sandovalina (SP), ambas situadas no rio Paranapanema, além disso, no período houve a instalação da Destilaria de Alcool Alcídia no município de Teodoro Sampaio (SP). Entretanto, segundo Sobreiro Filho (2012), após a desaceleração do crescimento econômico brasileiro e com o término da construção das usinas hidrelétricas, muitos trabalhadores são dispensados, aumentando o contingente de desempregados e agricultores sem terra na região.

Neste período iniciavam-se os movimentos a favor da reforma agrária, tendo em vista as posses irregulares feitas por grileiros nas terras do Pontal. Os conflitos se estenderam por anos, deixando marcas na memória e evidenciando a segregação social existente entre assentados e os demais membros da sociedade (LEITE, 1998). O Pontal do Paranapanema possui na atualidade 117 assentamentos de reforma agrária, sendo que no município de Rosana estão quatro assentamentos: Gleba XV de Novembro (1984), Nova Pontal (1998), Bonanza (1998) e Porto Maria (2005), com quase 800 famílias assentadas (GONÇALVES, 2018).

Em 2017 Rosana foi elevado ao título de Município de Interesse Turístico (MIT), pelo então governador Geraldo Alckmin, por meio da Lei 16.566/17. Segundo a Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo (2018) dentre os critérios que elevaram o município a categoria de MIT, pode-se mencionar seu histórico de ocupação, belezas naturais, fauna e traços culturais.

O segmento turístico base do município é o turismo de pesca, seguido do turismo de lazer, tendo como atrativo principal o Balneário Municipal. A oferta de equipamentos e serviços turísticos no município vem crescendo muito nos últimos anos, principalmente após sua aprovação como MIT. Dentre os convênios celebrados entre a Prefeitura e o Governo do Estado de São Paulo destacam-se: o aprimoramento da infraestrutura do Centro de Convivência Clube do Laço, a implantação de sinalização turística, a construção de mirante e a construção de toboágua (PREFEITURA DE ROSANA, 2021).

Entretanto, evidencia-se que os investimentos em infraestrutura e equipamentos turísticos, concentram-se na área do Balneário e que há outros segmentos do turismo, bem como outras áreas do município, que poderiam ser formatados para se transformar em produtos turísticos. Segundo Benevides (2002, p.37):

No Pontal do Paranapanema, área de longa prostração econômica e com pequenas possibilidades de investimento, o turismo teria o papel de atenuador deste, através de políticas compensatórias, aproveitando a existência de uma base agrária pouco transformadora. Dadas as poucas possibilidades de diversificação de estrutura produtiva, incapaz de desencadear uma integração intra-regional, tal caso se resumiria no desenvolvimento do turismo na região.

Pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Turismo no Espaço Rural (Gepter) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Rosana, apontam que mesmo com as dificuldades existentes nos ambientes rurais, os assentados optam por permanecer. Dessa forma eles vivenciam a plenitude de seus hábitos culturais, e tais direitos seriam cerceados no ambiente urbano. O turismo no espaço rural, dessa forma, transforma-se em uma alternativa de resistência dessas comunidades (GONÇALVES, 2018).

Embasado nessas premissas, o presente artigo tem como objetivo refletir e exemplificar sobre as possibilidades do uso do turismo no espaço rural como instrumento de valorização do patrimônio cultural em assentamentos de reforma agrária. Além disso, a pesquisa possui o objetivo específico de caracterizar a oferta turística rural dos assentamentos de Rosana (SP). Pretende-se refletir e encontrar algumas possíveis respostas para as perguntas: poderia ser o turismo um instrumento de valorização patrimonial em assentamentos rurais? Quais possibilidades o turismo pode trazer aos assentamentos?

As pesquisas sobre o turismo em assentamentos rurais ainda são recentes no Brasil e carecem de maior atenção dos pesquisadores. Por essa razão, mesmo entendendo que o presente artigo traz reflexões sobre os assentamentos de Rosana, a replicabilidade das análises e das propostas é exequível, podendo extravasar o território do Pontal do Paranapanema.

2 METODOLOGIA

A fim de lograr os objetivos, o presente artigo utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos e *sites*. Para discutir sobre o turismo no espaço rural utilizou-se os autores Candiotta (2010), Thomaz (2012), Harvey (2005), Fucks e Souza (2010), entre outros.

Buscando entender as atividades agrícolas e não agrícolas nos assentamentos de Rosana, tendo esse território como estudo de caso, optou-se por selecionar algumas das monografias dos egressos do curso de Turismo da Unesp, que versassem sobre essa temática, assim destaca-se: Gonçalves (2018), Barciela (2017), Gonçalves (2015) e Almeida (2012).

Pretendendo compreender e aprimorar as discussões sobre os estigmas, características, problemáticas e oportunidades dos assentamentos, serviram de base as argumentações de Bogo (2010), Boaventura Santos (2011), Sobreiro Filho (2012) e Leite (1998). Por fim, evidenciando as perspectivas patrimoniais possíveis para os

assentamentos, bem como a valorização patrimonial, utilizou-se as discussões de Florêncio (2012), Carvalho (2012), Lima (2015) e Tolentino (2012).

Com o intuito de contextualizar as discussões, por meio de uma pesquisa documental, utilizou-se dados estatísticos sobre o turismo rural do Observatório Turístico Intermunicipal da Estância Turística de Avaré e do Município de Interesse Turístico de Rosana (MARTINS, 2020). Os dados utilizados se referem a uma amostragem de 149 entrevistados que responderam à pesquisa de demanda durante dois eventos no município de Rosana, o “I Campeonato de Jet Ski de Rosana” (realizado em 7 de setembro de 2019) e a festa de aniversário do distrito de Primavera, o “Primarosa” (realizado de 20 a 22 setembro de 2019). A pesquisa documental também abrangeu o *site* da Prefeitura de Rosana, onde coletou-se dados a respeito do desenvolvimento turístico do município, informações sobre a oferta e a demanda turística.

Ademais, por meio da monografia de Gonçalves (2018), utilizou-se trechos dos relatos orais obtidos durante o inventário do patrimônio material e imaterial dos quatro assentamentos de reforma agrária de Rosana. O inventário foi desenvolvido em parceria com o Gepter, durante o período de 2015-2018, com o intuito de criar o Museu do Assentado. Neste trabalho, os trechos auxiliam na compreensão das noções de patrimônio, valorização e educação.

3 A PRÁTICA DO TURISMO NO ESPAÇO RURAL

Rocha (2019) expõe que após a década de 1960, em detrimento da “Revolução Verde¹”, a mecanização do campo tornou as diferenças entre o rural e o urbano menos nítidas, pois é possível notar reciprocamente elementos característicos da cidade no rural. A vida moderna, nos grandes centros urbanos, é marcada pela constante poluição sonora, ambiental e visual, além de outras problemáticas (THOMAZ, 2012). Por isso, as práticas de turismo no espaço rural passam a ser ponto de fuga do caos cotidiano buscando a “simplicidade” e “tranquilidade” do campo. Assim,

A demanda gerada a partir dessas motivações e expectativas mostrou que os recursos existentes nas propriedades - que, até então, estavam voltados unicamente a atender as necessidades do setor primário da economia nas atividades da agricultura e pecuária - eram passíveis de aproveitamento turístico (FUCKS; SOUZA, 2010, p.97).

O rural passa a ser percebido com um espaço multifuncional, ocasionando ampliações nas suas características ambientais, sociais, culturais e econômicas. Entre as motivações que levaram os agricultores a alterar suas práticas, está o fato de que o trabalho pecuarista e agrícola nem sempre promove “o capital e os recursos

1 Segundo Rocha (2019, p. 213) a “Revolução Verde” foi “uma iniciativa de empresas norte-americanas para a modernização da agricultura mundial por meio da intensificação da mecanização e do uso de adubos e defensivos químicos”.

necessários para uma produção econômica eficiente, a manutenção da infraestrutura da propriedade, a preservação do patrimônio, o sustento digno da família e a sua permanência no meio rural” (FUCKS; SOUZA, 2010, p.97).

Devido à forte influência do urbano no rural Candiotto (2010, p.10) afirma que a tecnicização do rural vem modificando a paisagem e as práticas que são desenvolvidas. O turismo no meio rural ou no espaço rural pode ser entendido por “todas as modalidades turísticas praticadas nesse espaço, independentemente da motivação e das atividades envolvidas” (CANDIOTTO, 2010, p.11).

Segundo Candiotto (2010, p.11), o turismo rural está necessariamente vinculado às

características do meio rural (produção agrícola e/ou pecuária, paisagens rurais com vegetação nativa e secundária, arquitetura rural, o contato direto com o modo de vida dos habitantes do campo e com os animais, a culinária da “roça”, entre outras).

O agroturismo apresenta todas as características do turismo rural, contudo o que diferencia a prática é a “participação direta e/ou indireta do turista em atividades comuns dos agricultores, como plantio, colheita, ordenha, entre outras” (CANDIOTTO, 2010, p.11).

Partindo da multifuncionalidade do rural, Fucks e Souza (2010, p.98) afirmam que há uma variedade de serviços e produtos agrícolas e não agrícolas que podem ser ofertados pela localidade ao turista. Em especial se destaca que:

[...] o turismo gera, na propriedade, o consumo de produtos de artesanato ou alimentícios (agroindustrializados de forma caseira ou in natura), a vivência de aspectos intangíveis concernentes à ruralidade (histórica, cultura e construções típicas do lugar, costumes, modo de vida, saberes e fazeres), à natureza (paisagem, ar puro, clima) e de serviços (hospedagem, alimentação, entretenimento e lazer).

Em vista dessas atividades, o turismo pode se apropriar de muitos elementos existentes no campo para atrair fluxos turísticos, seja um único elemento chamariz, por exemplo, um pesqueiro, ou um conjunto de atrativos gerando um circuito de visitação. O circuito pode ser instituído pelo poder público, pela iniciativa privada ou pela própria comunidade, por meio de uma rota, roteiro e outras estratégias. Porém, a implantação, operação, gestão e o controle das atividades turísticas no meio rural devem priorizar a participação comunitária e o respeito ao patrimônio natural e cultural (GONÇALVES; SILVA; RIBEIRO, 2015).

A participação comunitária é a base para o turismo comunitário rural (TCR) (KIEFFE, 2018), também nomeado por alguns autores de turismo rural de base comunitária (PRIATMOKO, KABIL, PURWOKO, DAVID, 2021). Segundo Priatmoko, Kabil, Purwoko e David (2021, p. 3, tradução nossa) é necessário:

Prestar atenção ao envolvimento das comunidades locais, especialmente ao discutir os recursos financeiros dos projetos de turismo. Enfatizando a importância da participação de “toda” a comunidade na CBT [*community-based tourism*] [...].

Kieffe (2018) argumenta que o TRC deve ser desenvolvido de maneira integral, considerando os valores econômicos, locais, culturais, as relações sociais e o território. Desse modo, “a abordagem integral do desenvolvimento leva à inclusão dos diferentes atores que participam do processo de construção social da atividade turística” (KIEFFE, 2018, p.3, tradução nossa).

A comunidade no TRC deve assumir o protagonismo na gestão turística, por meio de “sua participação efetiva em todos os processos planejamento, operação, supervisão e gestão para promover um processo de mudança social endógena” (KIEFFE, 2018, p.3, tradução nossa). Kieffe (2018, p.2, tradução nossa), explica que o TCR é:

[...] uma modalidade de turismo de pequeno formato, implantado em zonas rurais e onde a população local, através das suas estruturas organizacionais coletivas, desempenha um papel significativo no seu controle e gestão, oferecendo atividades que respeitam o ambiente natural, cultural e social, e com os valores de uma comunidade, o que permite desfrutar de uma troca positiva de experiências entre residentes e visitantes, onde a relação entre o turista e a comunidade é justa e os benefícios da atividade são partilhados de forma equitativa.

Por meio do trabalho de Barciela (2017) e Kieffe (2018), é possível afirmar que as atividades de TCR devem ser desenvolvidas em conjunto com outras atividades agropecuárias. O turismo em assentamentos, dessa forma, não deve se tornar uma atividade prioritária, mas sim, ser mais uma alternativa de renda de forma a propiciar a pluriatividade no campo. Kieffe (2018, p.6, tradução nossa) discorre que o planejamento do TCR deve priorizar os princípios básicos da economia camponesa, uma vez que “o que sustenta o turismo rural é justamente a vida camponesa, o trabalho da terra e a cultura ligada a essa atividade”.

Barciela (2017) argumenta que mesmo que o turismo em assentamentos seja um fenômeno recente, muitas localidades vêm desenvolvendo atividades turísticas de referência, como por exemplo os assentamentos em Paranacity (PR) e Andalucia (MS). Segundo Muñoz, Ribas, Guimarães e Zanella (2005, p.137):

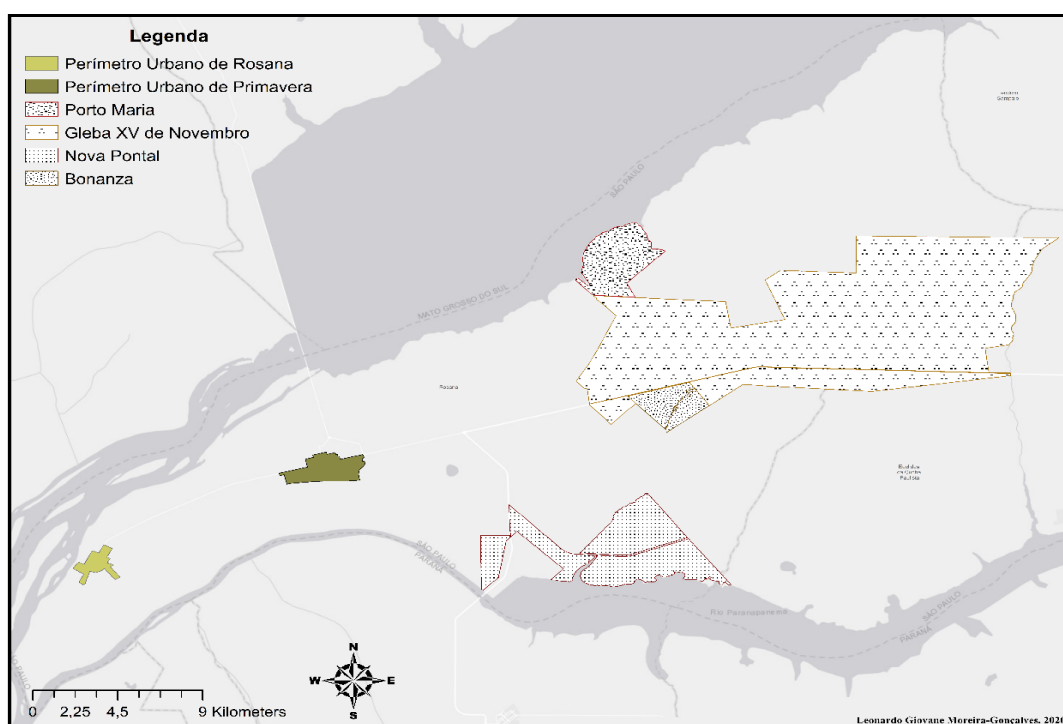
Possuindo uma razoável estruturação de produção, comercialização e organização interna, muitos visitantes, incluindo estrangeiros, querem ver com seus próprios olhos as experiências bem sucedidas que esses assentamentos vêm produzindo.

Portanto, o desenvolvimento das atividades turísticas em assentamentos rurais necessita ser pautado pela sustentabilidade das ações, participação e protagonismo comunitário. Ademais, o planejamento turístico deve enfatizar as características da localidade, suas potencialidades, oportunidades, fraquezas e ameaças.

4 ATIVIDADES AGRÍCOLAS, NÃO AGRÍCOLAS E O TURISMO NO ESPAÇO RURAL EM ROSANA

O Pontal do Paranapanema possui na atualidade 117 assentamentos de reforma agrária, sendo que no município de Rosana estão quatro assentamentos (Figura 1): Gleba XV de Novembro (1984), Nova Pontal (1998), Bonanza (1998) e Porto Maria (2005), com quase 800 famílias assentadas (GONÇALVES, 2018).

FIGURA 1 - MAPA DO PERÍMETRO URBANO E ASSENTAMENTOS EM ROSANA, SÃO PAULO, BRASIL



FONTE: O autor, 2020.

Ao caracterizar as atividades econômicas presentes nos assentamentos de Rosana, observa-se que todos eles possuem estruturas comerciais, como bares, restaurantes, mercearias, padarias e borracharias, além das atividades agropecuárias. Mesmo essas atividades não sendo relacionadas diretamente ao *trade* turístico, entende-se que esses produtos e serviços poderiam ser formatados para a cadeia turística. Almeida (2012) aponta que no assentamento Gleba XV de Novembro, em 2012, não havia equipamentos turísticos, mas há cavalgadas anuais em comemoração ao aniversário do assentamento.

O assentamento Nova Pontal, segundo Gonçalves, Silva e Ribeiro (2015), possui a oferta turística relativamente bem estruturada, devido aos projetos em parceria com a comunidade realizados pelos discentes e docentes da Unesp, Rosana. O

assentamento, por possuir fácil acesso à rodovia PR-182 e ao distrito de Primavera, por ter uma beleza cênica, e ser banhado pelo rio Paranapanema e pelas reservas de mata, é um dos assentamentos mais visitados. E em função disso, alguns assentados possuem estrutura de hospedagem com café da manhã para receber os visitantes.

O assentamento Bonanza, por sua vez, possui fácil acesso à rodovia, mas as famílias não desenvolvem atividades de turismo. Entretanto, durante os anos de pesquisa² e trabalho comunitário no assentamento, realizados anterior a produção deste artigo, foram detectadas potencialidades em seu território, a mencionar a criação de caprinos, suínos, bovinos, equinos e aves, tanques de piscicultura, plantações de mandioca, cana-de-açúcar e outras hortaliças, legumes e vegetais.

Já o assentamento Porto Maria, além de estruturas comerciais existentes em alguns lotes, possui em sua sede o Restaurante Rural Porto Maria que frequentemente promove eventos e almoços aos visitantes. Barciela (2017) em sua pesquisa sobre o potencial turístico do assentamento Porto Maria, selecionou cinco lotes e constatou que todos esses possuíam quartos e sanitários extras para receber turistas. As entrevistadas mencionaram que os atrativos existentes em seus lotes seriam: seu cotidiano, a criação de animais, pomar, paisagem, artesanato e a vista para o rio Paraná. Barciela (2017) constatou no inventário turístico a existência de recursos e atrativos que poderiam ser ofertados ao visitante, bem como a existência de horta, produção de leite, piscicultura e maquinários ou ferramentas para o cultivo da terra.

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Turismo no Espaço Rural (Gepter) desenvolve desde 2006 projetos com os assentamentos do município, em especial no assentamento Porto Maria. Entre os projetos desenvolvidos e em desenvolvimento podem ser citados o livro de receitas, armazém rural, observação de pássaros, *glamping*³, trilhas na natureza, hospedagem rural e cicloturismo (GEPTER, 2019).

Dentre os projetos do Gepter destaca-se o Museu do Assentado, que ainda não existe em sua forma física, mas durante o período de 2014 a 2018 foi realizado o inventário do patrimônio material e imaterial dos assentamentos do município de Rosana, por meio de entrevistas a 27 assentados, utilizando-se da metodologia de história oral. Segundo Gonçalves (2019), o inventário culminou na identificação do perfil cultural dos assentados que se projeta de diferentes formas: na alimentação, fala, vestimentas, cuidado com a terra, saberes, fazeres e dizeres, modo de vida, permanência e resistência. Resultante deste levantamento, o conjunto material, que poderá compor o Museu do Assentado, possui na atualidade 500 fotos digitalizadas que remontam o período de acampamento, infância, adolescência, celebrações religiosas e outros momentos que retratam a história de vida dos entrevistados.

2 Os resultados das pesquisas anteriores nos assentamentos de Rosana estão disponíveis em: Gonçalves (2018), Moreira Gonçalves (2020) e Gonçalves, Silva e Ribeiro (2015).

3 Poso e Nascimento Filho (2019) evidenciam que o *glamping* é a evolução da oferta de campismo, a partir da união das palavras *glamour* e *camping*, o *glamping* oferta hospedagem de luxo na natureza. Dessa forma, os consumidores destas tipologias de alojamento podem ter contato com a natureza, mas com as comodidades de um hotel.

O Inventário baseava-se na história oral, contudo alguns objetos foram salvaguardados durante as visitas. O conjunto material (Figura 2) possui cerca de 60 objetos: ferro a brasa, lamparina, bandeira, foice, arado, moedor de grãos, máquina de costuras, utensílios de cozinha; entre outros objetos que funcionam como receptáculos da memória dos assentados. Esses materiais estão guardados no Laboratório de Arqueologia do Gepter, na Unesp, Rosana (GONÇALVES, 2019).

FIGURA 2- CONJUNTO MATERIAL DO MUSEU DO ASSENTADO EXPOSTO NO COLÓQUIO DOS SABERES, FAZERES E DIZERES DO CAMPO EM 2018



FONTE: Acervo Gepter, 2018.

As ações, atrativos e recursos turísticos dos assentamentos de Rosana configuram este território como singular. Contudo, a singularidade deste espaço precisa ser preservada para não tornar o espaço homogêneo. Arenhart e Fontana (2019) apontam que mesmo propriedades rurais tendo recursos e vocação turística, o planejamento das atividades turísticas é primordial para a preservação da paisagem rural.

Harvey (2005) evidencia que quanto menos exclusivos e mais homogêneos são os destinos, menos atrativos estes são. Entretanto, Harvey (2005) também considera a relevância do capital simbólico coletivo, construído por diversos fatores históricos e sociais, que cada destino possui para sua diferenciação.

Segundo Harvey (2005) mesmo os destinos que são considerados massificados, e por sua vez perdem sua exclusividade e outros privilégios da renda monopolista, concentram seus esforços na construção do capital simbólico coletivo, para se destacar no cenário global.

O capital simbólico coletivo vinculado a nomes e lugares como Paris, Atenas, Nova York, Rio de Janeiro, Berlim e Roma é de grande importância, conferindo a tais lugares vantagens econômicas em relação a, por exemplo, Baltimore, Liverpool, Essen, Lille e Glasgow. O problema para esses lugares citados em segundo lugar é elevar seu quociente de capital simbólico e aumentar seus marcos de distinção, para melhor basear suas alegações relativas à singularidade geradora da renda monopolista (HARVEY, 2005, p.233).

Considerando que o rural no Brasil não detém forte capital simbólico coletivo, capaz de influenciar o turismo de massa, e baseando-se nas ideias de Harvey (2005), aplicando-as ao meio rural, é possível afirmar que o planejamento das atividades turísticas no meio rural necessita da atuação direta da comunidade local, para que a cultura não se torne *commodities*⁴ e as características autênticas, particulares e singulares da região sejam mantidas. Tendo em vista que são esses marcos distintivos os capazes de induzir fluxos turísticos e manter a renda monopolista.

Com base nas experiências de pesquisas com os assentados, talvez em um ambiente futuro, a estruturação das atividades turísticas em comunidades deveria ser planejada buscando preparar o turista para o local, e não o local para o turista. Apoiando-se no princípio, destacado por Cury (2019), que a comunidade local deve ter autonomia e ser protagonista na gestão de seu território, as iniciativas turísticas devem buscar não teatralizar a experiência turística, para não a desconectar da realidade local.

O modelo de visitação turística, bem como o perfil dos turistas, são assuntos relevantes para caracterizar e planejar o turismo nos assentamentos. Especialmente, em Rosana (SP), as pesquisas do Gepter, desde 2014, evidenciam que a maior parte dos assentados que participavam dos projetos do grupo, desejavam receber turistas espontâneos em suas propriedades, mas os públicos que esses recebiam eram, em sua maioria, escolares vindos da rede pública e privada do próprio município e dos municípios vizinhos. Os assentados também recebem público considerável durante as festividades em comemoração à data de implantação dos assentamentos e em eventos comemorativos.

Martins (2020) aponta que o Observatório Turístico Intermunicipal de Avaré e Rosana aplicou questionários em dois eventos realizados em 2019 no município de Rosana, sendo o “I Campeonato de Jet Ski de Rosana” e a festa de aniversário do distrito de Primavera, o “Primarosa”, com uma amostragem de 149 respostas, objetivando compreender o perfil do visitante. A pesquisa evidencia que em média 65% dos visitantes dos dois eventos mencionaram não conhecer as ofertas de turismo no espaço rural do município. Mas, em um segundo momento, após os pesquisadores que aplicavam a pesquisa de demanda apresentarem as possibilidades do rural, 95% dos entrevistados manifestaram desejo de visitar os assentamentos e posteriormente elencaram quais atrativos, serviços e vivências gostariam de experimentar.

As estatísticas do Observatório apontam que há interesse dos turistas em fazer atividades turísticas no espaço rural. Dentre essas atividades, evidencia-se: banho de rio, passeio a cavalo, pesca, caminhada, café colonial, compra de alimentos típicos e desfrutar de espaços de descanso, como por exemplo, redários (MARTINS, 2020). Com a exceção dessa última atividade e do passeio a cavalo, que não são comercializadas nos assentamentos de Rosana, mas que facilmente poderiam, todas as outras atividades já estão disponíveis para os turistas.

4 Segundo o Cambridge Dictionary (2021), a *Commodity* é uma substância ou produto comercializado em larga escala, padronizado, podendo ser exemplificada por óleo, metais ou grãos.

Essas atividades, mesmo não relacionadas à cultura rural, podem ser analisadas por uma outra ótica, a dos territórios educativos. Mas antes de abordar esta ótica, faz-se necessário entender o porquê de trabalhar o turismo como instrumento de valorização patrimonial em assentamentos rurais, visando os turistas e principalmente os assentados.

Conclui-se que o turismo rural nos assentamentos de Rosana (SP) possui potencialidade de desenvolvimento, mas na atualidade, é desempenhado por algumas famílias que administram hospedagens, restaurantes, bares, passeios e eventos ainda vagarosamente. Ressalta-se que o desenvolvimento das atividades turísticas nos assentamentos deve partir da própria comunidade, garantindo assim, a sustentabilidade do turismo em seu território.

5 A VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL EM ASSENTAMENTOS

De acordo com informações coletadas no inventário do patrimônio material e imaterial dos assentamentos de Rosana uma assentada mencionou que não considerava sua história relevante e não acreditava que as pessoas gostariam de ouvi-la, além disso a assentada afirmou que: “há memórias de sofrimento que não devem ser compartilhadas” (GONÇALVES, 2019, p.20). Essa visão da assentada não é somente sua, conforme aponta Gonçalves (2018), mas corresponde aos silêncios e preconceitos produzidos pelas elites.

Boaventura de Sousa Santos (2011, p.30, tradução nossa) ao exemplificar o conceito da sociologia das ausências, menciona que “a inexistência é produzida sempre que determinada entidade é desqualificada e considerada invisível, ininteligível ou descartável. Portanto, não há apenas uma maneira de produzir ausência, mas várias”. As ausências ou inexistências, segundo Boaventura, podem ser produzidas por meio de cinco lógicas, sendo: o ignorante, o retardado, o inferior, o local ou o privado e o improdutivo ou estéril (SANTOS, 2011, p. 30). Quando mencionamos as populações assentadas, duas lógicas em especial poderiam ser refletidas.

A primeira lógica derivante da monocultura do conhecimento e do rigor do conhecimento, baseia-se na validação dos conhecimentos e da cultura, aquilo que é considerado ou não cultura, arte, belo, útil, saber, etc. Essa legitimação é promovida pelas classes dominantes, que atestam a inexistência e sua ignorância sobre os diversos modos de cultura (SANTOS, 2011, p.31). Seguindo a lógica da monocultura do conhecimento, Ademar Bogo (2010, p.85) enfatiza que “os conhecimentos tradicionais são colocados sob suspeitas e declarados incompetentes [...]”. Ou seja, não são considerados conhecimentos e seus hábitos não são considerados cultura, pois não foram validados pelo grupo dominante.

Essa lógica pode ser exemplificada por meio da discriminação existente entre os assentados e os residentes no perímetro urbano de Rosana, que durante o período de reforma agrária, a partir da década de 1980, desvalidavam os saberes dos assentados e por isso os segregavam. De acordo com dados do inventário (GONÇALVES, 2018), uma assentada relatou que quando chegou a Rosana, existiam lugares onde os

assentados eram proibidos de frequentar na cidade e a expressão “você é louco ou é da gleba?” sempre esteve presente no linguajar rosanense.

Santos (2011) disserta que a ignorância é um dos substantivos que estrutura a lógica da monocultura do conhecimento, principalmente porque as massas desconhecem o cotidiano local das comunidades. Assim, por meio da visitação turística em assentamentos, a ignorância (desconhecimento) dá espaço à alteridade, ao descobrir, às trocas de saberes e ao aprendizado. O turismo em ambientes rurais pode romper com os estigmas engendrados na sociedade e que muitas vezes nunca foram discutidos e refletidos, mas sim transmitidos.

A exemplo dessas visitas es turísticas e projetos que podem transformar, Humberto Leite Gonçalves (2015, p.47) destaca um projeto de extensão iniciado em 2014 no assentamento Nova Pontal, segundo o pesquisador:

O Projeto Turismo em Rosana – Conhecendo a natureza teve como proposta principal, desenvolver roteiros em ambientes naturais/rurais existentes no município de Rosana que possam ser estudados e apreciados por jovens estudantes [...], promovendo aproxima o entre o homem do campo e os jovens do meio urbano como princípio de valoriza o das pessoas, envolvendo ensino e aprendizagem no ambiente rural.

Gonçalves (2015, p.46) relata que durante o projeto foram realizadas oficinas de qualifica o com os assentados de 14 propriedades e a elabora o de tr s roteiros diferentes, versando sobre o turismo pedagógico. O projeto tinha como público alvo os estudantes do ensino fundamental de escolas de Rosana, que visitavam nesses roteiros as propriedades rurais, as cria es de animais, a roça e ao final tinham a oportunidade de experimentar a culinária local e participar de atividades educativas sobre os assentamentos. A parceria entre a Universidade e Comunidade foi relevante para fornecer autonomia aos assentamentos quanto a gestão turística de seu território, que na atualidade⁵ recebem turistas em suas hospedagens, trilhas, restaurantes e lotes.

Outra lógica de produ o de ausências que poderia ser abordada e desconstruída por meio do turismo,   a monocultura do tempo linear, sendo que essa consiste no entendimento de que a história tem sentido único “progresso, revolu o, moderniza o, desenvolvimento, crescimento, globaliza o [...]” (SANTOS, 2011, p.31, tradu o nossa). Santos (2011) afirma que se as demais civiliza es que não avançaram, segundo essa lógica, são entendidas como selvagens, subdesenvolvidas e obsoletas. Esse   um dos modos de produ o de ausências que impacta diretamente os assentamentos, pois seus conhecimentos sobre plantio, irriga o, colheita e armazenagem, seu cotidiano, por muitas vezes são considerados rudimentares e arcaicos, quando comparados ao agronegócio, por exemplo.

5 Para conhecer outras iniciativas de turismo rural nos assentamentos de Rosana acesse: turismo59.wixsite.com/visiterosana/turismo-rural

Ademar Bogo (2010, p.101), reconhece que o campo possui um tempo diferenciado, mas envaidece esses traços culturais, à medida que “essa rotina, supostamente improdutiva, não é depressiva; ao contrário, é atrativa e exaltadora. Envolve quem nela vive com seus afazeres simples, lentos, regulados pelo tempo da natureza”.

Argumenta-se, então, que os mesmos predicados e marcos distintivos que acusam o rural de atrasado, podem ser transformados em atrativos. A exemplo, tem-se as estatísticas do Observatório Turístico Intermunicipal (MARTINS, 2020) que demonstram que os visitantes gostariam de conhecer o cotidiano rural, comprar alimentos típicos e degustar um café colonial.

O patrimônio cultural dos assentados está em todos os seus saberes, fazeres e dizeres, bem como em seus territórios, em suas casas, hortas, pomares, matadouros, restaurantes e alambiques. O turismo ao se apropriar dessa oferta, ao comercializar aos forasteiros, auxilia no processo de valorização desse patrimônio, permitindo que os próprios assentados contem suas versões sobre a sua história, que vem de encontro aos discursos hegemônicos. A exemplo dessa necessidade de uma escuta atenta para a decolonização, evidencia-se que anualmente os discentes do curso de Turismo da Unesp, Rosana, na disciplina ‘Turismo no Espaço Rural’ tem a oportunidade de visitar os assentamentos, experimentar a culinária local e ouvir as histórias dos assentados.

Quando se trata de valorização patrimonial, deve-se entender que é indispensável as comunidades narrarem suas próprias histórias, e que nos processos de formação de produtos turísticos as mesmas estejam presentes e sejam protagonistas. Átila Tolentino (2012, p.29) ao versar sobre o universo do patrimônio cultural e das ações de Educação Patrimonial, discorre que:

Quando tratamos da preservação e valorização do patrimônio cultural, necessariamente temos que entrar na seara da educação, pois a preservação dos nossos bens culturais se trata de uma prática social, uma vez que as comunidades devem ser as grandes protagonistas na seleção do que representa as suas identidades e na preservação de seus valores culturais. [...] entende-se que a Educação Patrimonial, por meio da construção de um espaço de colaboração coletivo torna-se mais efetiva, uma vez que os próprios objetos de estudo são os protagonistas da história. Destarte, a história retratada não é a história contada por pessoas que não fizeram parte do processo, mas sim, a história é retratada por pessoas que vivenciaram os fatos em sua vida e, que por meio dos relatos orais, têm a oportunidade de elucidar suas memórias e transmiti-las.

No inventário do patrimônio existente nos assentamentos, verificou-se que todos os assentados possuem histórias sobre mitos, lendas, provérbios, cantigas e fábulas que remetem à sua infância. (GONÇALVES, 2018). Contudo, essas memórias estavam adormecidas e, de modo geral, por conta dos avanços tecnológicos, comunidades urbanas e rurais, vêm transformando suas tradições.

A modificação dos hábitos culturais e o sentimento de frustração pela transformação destes, puderam ser aferidos durante o inventário. Segundo uma assentada, antigamente “[...] não tinha celular, não tinha computador, não tinha televisão. Pensa em uma infância feliz, esses hoje, sabe o que é infância? [...]” (GONÇALVES, 2018, p.91).

Nessa conjuntura, o turismo no espaço rural pode favorecer o despertar e a valorização dos traços culturais da comunidade. Segundo Lima (2015) essas histórias e memórias fazem parte do patrimônio cultural rural, e mesmo adormecidas, podem ser ativadas e transmitidas aos turistas, pela educação não formal. Formatar experiências turísticas que envolvam esses saberes e fazeres auxiliaria na salvaguarda e valorização desse patrimônio pela comunidade, e aprendizado por parte do turista.

Carvalho (2012, p.312) aponta que a educação patrimonial e a salvaguarda do patrimônio têm como objetivo a “requalificação e revitalização territorial, melhoria das condições e qualidade de vida das populações, reconstrução de memória e identidade [...] e integração dos lugares na esfera dos lazeres turísticos [...]”. Em vista disso, as potencialidades educacionais e valorativas deflagradas pelo turismo em assentamentos não beneficiam somente o visitante, mas também à comunidade visitada.

Essa afirmação baseia-se na constatação de que muitos dos assentados de Rosana não reconhecem seu patrimônio cultural. No inventário patrimonial muitos dos objetos salvaguardados estavam ao relento, sem proteção contra intemperismos, sem nenhum cuidado especial e muitas vezes esquecidos pelos entrevistados (GONÇALVES, 2018).

Essa premissa revelou-se também por meio dos relatos orais quando alguns entrevistados respondiam à questão: “por que é importante criar um Museu?” Ao responder, uma das assentadas indagou: “afinal o que vão por nesse museu? Qual vai ser a obra prima lá? O que vocês vão pôr lá nesse museu pra mostrá? Alguma coisa antiga né?” (GONÇALVES, 2018, p.97). Os trechos transcritos durante o inventário, auxiliam na compreensão de como alguns assentados entendiam seus patrimônios silenciados.

Todas as vezes que os assentados recebem turistas em seu território os mesmos são despertados a valorizar, salvaguardar e comunicar sobre seu patrimônio cultural, pois se o turista veio visitar é porque há elementos significativos que justifiquem a visita. Sônia Florêncio (2012, p.29), recorrendo a Paulo Freire⁶ (2011), evidencia que a Educação Patrimonial poderia ser uma “importante ferramenta na afirmação de identidades e para que as pessoas se assumam como seres sociais e históricos, como seres pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos”.

6 FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

A educação patrimonial promovida pelo turismo desempenha papel decisivo na valorização e preservação do patrimônio cultural, por turistas e residentes. A partir do momento que as comunidades vivenciam seus patrimônios e identificam as potencialidades turísticas, conexões afetivas são instituídas e a comunidade se torna autogestora do seu patrimônio. Como exemplo, essas relações podem ser observadas nos museus indígenas que articularam a visita ao museu e ao seu território, valorizando assim sua cultura e promovendo, segundo Cury (2017), a autonomia e protagonismo dos povos indígenas e uma visita crítica, visando a decolonização.

O Museu do Assentado, baseando-se no trecho anterior, quando instituído, e se for, poderá ser um equipamento cultural no meio rural responsável pelo empoderamento comunitário e valorização patrimonial. Em entrevista cedida à Prefeitura de Rosana (2018) após o “Colóquio dos Saberes, Fazeres e Dizeres do Campo: o Museu do Assentado em Rosana/SP”, uma assentada declarou:

Quando o [sic] Leo chegou com a proposta, me senti valorizada, pois a mulher do campo é muito esquecida, e uma universidade como a UNESP se preocupar com as mulheres é muito gratificante. É emocionante poder voltar ao passado e contar como foi a nossa trajetória, o projeto superou minhas expectativas, pois contar nossa história é contar o sofrimento e da nossa luta. Hoje vendo e recordando tudo que vivenciamos é emocionante (PREFEITURA DE ROSANA, 2018).

O evento foi o encerramento de um período de quatro anos de inventário patrimonial nos assentamentos de Rosana, realizado no dia 17 de setembro de 2018 na Unesp, Campus de Rosana. Estiveram presentes no evento 103 pessoas, entre assentados, discentes e professores Unesp, representantes do poder executivo e legislativo de Rosana, entre outras entidades. Segundo Moreira Gonçalves (2020, p.370) o intuito do evento foi:

reafirmar a identidade dos entrevistados, mostrar aos assentados a importância de sua história e traços culturais, lembrar o passado, empoderar a comunidade local, ressignificar e difundir a cultura dos assentamentos para a comunidade que participou do evento [...].

O futuro Museu será um dos elementos comunicadores do patrimônio cultural local, entretanto o próprio território e sua gente, suas casas, hortas, criações, seus saberes, signos, símbolos e crenças já comunicam ao visitante. Uma vez que, segundo Florêncio (2012) a educação patrimonial efetiva é aquela que ocorre nos espaços da vida, pois os territórios são educativos.

Florêncio (2012) considera os territórios como espaços propícios para educação e valorização patrimonial por meio das vivências com a comunidade e seu cotidiano. Experiências essas que podem ser ofertadas pelo turismo. Assim, pode-se concluir que as atividades que ocorrem no espaço rural, sejam essas de cunho cultural, ambiental ou lazer, são atividades que podem promover a valorização patrimonial. Tendo em vista que o turista estará imerso com um povo, em seu território educativo, que são signos e comunicam sua cultura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decerto, o turismo com participação comunitária contribuiu para a manutenção das populações locais e a preservação das paisagens. Mas além disso, o turismo no espaço rural permite que as comunidades continuem a defender seu patrimônio cultural e seu cotidiano. Falar em valorização do patrimônio cultural é simples quando se tem os recursos financeiros e estabilidade para tal, mas quando se luta diariamente para continuar a existir, dentro de um sistema que te silencia, como salvaguardar suas raízes? O turismo, neste contexto, ao gerar renda para as famílias permite que ações de educação e valorização patrimonial ocorram para os visitantes e residentes.

Tendo como base os objetivos do artigo e suas perguntas iniciais, de refletir e exemplificar sobre as possibilidades do turismo no espaço rural como instrumento de valorização do patrimônio cultural em assentamentos de reforma agrária, o turismo em assentamentos pode se transformar em um veículo de desmistificação de preconceitos, reconhecimento e valorização patrimonial. Entretanto, o “público” mais relevante dessa prática turística são os próprios residentes, que a partir do turismo se reconhecem em seu território, se empoderam e se transformam em protagonistas, os verdadeiros gestores de seu patrimônio.

Neste artigo, foi possível concluir que os assentados muitas vezes não reconhecem seu patrimônio e território como algo ilustre, digno de entrar nos museus tradicionais e ser visitado, mas isso se deve pela produção de ausências (SANTOS, 2011). À medida que esse cenário é revertido, seja pela parceria universidade/poder público/iniciativa privada/sociedade civil e a comunidade, essas ausências são dissolvidas e a comunidade se empodera.

O turismo no espaço rural pode ser uma dessas ferramentas de valorização patrimonial, de visita crítica pois, se o turista visita esses espaços/territórios educativos, os assentados passam a perceber que seu patrimônio e seu território são sim interessantes e valiosos. Dessa construção dialógica entre turista e assentado, vê-se germinar uma valorização patrimonial mútua, onde o turista educa e é educado, bem como o assentado ensina e valoriza seu patrimônio.

Este artigo utilizou como estudo de caso os assentamentos de Rosana (SP), no entanto as reflexões e propostas apresentadas podem ser replicadas em outros contextos, uma vez considerado as características de cada localidade. Por mais que essa seja uma das limitações da pesquisa, a utilização de um estudo de caso específico, identificamos a necessidade de estudos que dialoguem com a relação do turismo em assentamentos de reforma agrária em diversas escalas e abordagens.

O campo de pesquisa do turismo em assentamentos permite diferentes enfoques, seja analisando o perfil do visitante, a oferta, a gestão do território e as implicações do turismo no meio ambiente, na comunidade ou na economia local. No entanto, as futuras pesquisas necessitam constante contato com os assentados, pois esses são os principais implicados no processo.

CONTRIBUIDORES E AGÊNCIAS DE FOMENTO

Pesquisa de mestrado: “O museu e a comunidade: a nova museologia, a museologia social, a colaboração e o Museu do Assentado de Rosana/SP”. PPGMus-USP, orientadora: Marília Xavier Cury. Bolsista FAPESP, Processo: 2019/18045-7.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, O. A. de. **Alternativas não agrícolas de geração de renda no assentamento rural Gleba XV de Novembro**. 77 f. Monografia (Bacharelado em Turismo), Universidade Estadual Paulista, Rosana, 2012

AREHART, A.; FONTANA, F. Reflexões sobre o Turismo Rural e o Desenvolvimento Sustentável. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 139-157, set-dez, 2019.

BARCIELA, I. de O. P. **Estudo de caso**: análise do potencial para implantação da atividade de turismo rural no assentamento Porto Maria/Rosana-SP. 133 f. Monografia (Bacharelado em Turismo), Universidade Estadual Paulista, Rosana, 2017.

BENEVIDES, M. I. P. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BOGO, A. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

CAMBRIDGE DICTIONARY, **Commodity**. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/commodity>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CANDIOTTO, L. Z. P. Elementos para o debate acerca do conceito de turismo rural. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 3-23, abr. 2010.

CARVALHO, P. Patrimônio e museus em contexto rural: dos lugares de memória aos territórios do lazer e do turismo. **Biblos**, Coimbra, s/n, p. 293-316, 2012.

CURY, M. X. Circuitos museais para a visitação crítica: descolonização e protagonismo indígena. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 7, dossiê n. 3, p. 87-113, dez. 2017.

FLORÊNCIO, S. R. R. Educação patrimonial: um processo de mediação. In: TOLENTINO, A. B. (org). **Educação patrimonial**: reflexões e práticas. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

FUCKS, P. M.; SOUZA, M. de. Turismo no espaço rural e preservação do patrimônio, da paisagem e da cultura. In: SANTOS, E. de O.; SOUZA, M. de. **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010.

GEPTER. **Ata da Reunião Realizada no dia 09 de abril de 2019**. p. 1-4. Disponível em: issuu.com/gepterunesp/docs/ata_02.2019_grupo_gepter_unesp. Acesso: 10 mar. 2021.

GONÇALVES, H. L. **Turismo no espaço rural para o desenvolvimento de Assentamentos Rurais**: estudo de caso Assentamento Nova Pontal, Rosana/SP. 64 f. Monografia (Bacharelado em Turismo), Universidade Estadual Paulista, Rosana, 2015.

GONÇALVES, L. G. M. **Os saberes, fazeres e dizeres do campo**: o futuro Museu do Assentado no município de Rosana/SP. Monografia (Turismo). Unesp, Rosana, São Paulo, 2018.

GONÇALVES, L. G. M. Afinal, o que é museu? Reflexões introdutórias sobre a nova museologia, museologia social e o Museu do Assentado. VIII MOSTRA CIENTÍFICA DE TURISMO, 2019, **Anais...** Unesp, Rosana, 2019.

GONÇALVES, L. G. M.; SILVA, F. R.; RIBEIRO, R. M. A caminhada como roteiro de turismo no espaço rural: um estudo para roteirização no Assentamento Nova Pontal. 8º CONGRESSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, **Anais...** Unesp, Rosana, 2015.

HARVEY, D. A arte da renda: a globalização e a transformação da cultura em commodities. In: HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

KIEFFE, M. Conceptos claves para el estudio del Turismo Rural Comunitario. **El Periplo Sustentable**, Toluca, n. 31, p. 1-15, jan-jun, 2018.

LEITE, J. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Unesp/Hacitec, 1998.

LIMA, L. M. G. Turismo, história oral e velhice: o contexto do patrimônio cultural rural paulista (São Paulo, Brasil). **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 218-233, mai-ago. 2015.

MARTINS, G. S. **Observatório turístico intermunicipal da Estância Turística de Avaré e do Município de Interesse Turístico de Rosana**. Relatório Científico. Unesp, Rosana, 2020.

MOREIRA GONÇALVES, L. G. La génesis y los procesos de un museo comunitario: O Museo do Assentado en el municipio de Rosana, São Paulo, Brasil. COLOQUIO INTERNACIONAL: Museología Participativa, Social y Crítica, Santiago do Chile, 2020, **Anais...** Santiago do Chile, 2020.

POSO, P. H; NASCIMENTO FILHO, F. B. As dimensões da experiência turística: análise comparativa da prática de campismo e glamping. In: VII MOSTRA CIENTÍFICA DE TURISMO, Rosana, 2018, **Anais...** Rosana, 2019.

MUÑOZ, N. Z.; RIBAS, C. C.; GUIMARÃES, V. N.; ZANELLA, L. C. H. Turismo no espaço rural brasileiro: novas alternativas para os assentamentos de reforma agrária. **Extensio**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 1-18, 2005.

PREFEITURA DE ROSANA. **Convênios MIT**. Disponível em: <https://www.rosana.sp.gov.br/turismo/convenios-mit/>. Acesso: 10 mar. 2021.

PREFEITURA DE ROSANA. **Poder executivo participa do I colóquio sobre memória de assentados realizado pela Unesp Rosana**. Prefeitura de Rosana, 2018. Disponível em: <http://www.rosana.sp.gov.br/noticia/?id=1002>. Acesso em: 28 set. 2019.

PRIATMOKO, S.; KABIL, M.; PURWOKO, Y.; DAVID, L. D. Rethinking sustainable community-based tourism: A villager's point of view and case study in Pampang Village, Indonesia. **Sustainability**, n. 13, p. 1-15, 2021.

ROCHA, H. J. da. Elementos para pensar a mediação nos movimentos sociais no campo. In: MACHADO, I. A. P.; BACCIN, D. J.; TEDESCO, J. C. (orgs.) **Mundo rural, regiões e fronteiras no processo de (re)apropriação territorial e agrária**. Passo Fundo: UPF Editora, 2019.

SANTOS, B. de S. Epistemologías del Sur. **Utopía e Praxis Latinoamericana**, Venezuela, v.16, n. 54, p. 17-39, 2011.

SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Água em abundância movimenta o turismo de Rosana, agora MIT**. 2018. Disponível em: <https://www.turismo.sp.gov.br/publico/noticia.php?codigo=1363>. Acesso: 10 mar. 2021.

SOBREIRO FILHO, J. A luta pela terra no Pontal do Paranapanema: história e atualidade. **Geografia em Questão**, v. 5, n. 1, p. 83-114, 2012.

THOMAZ, R. C. C. Patrimônio, cultura e turismo no espaço rural galego – Espanha. In: THOMAZ, R. C. C.; MARIANI, M. A. P.; MORETTI, E. C. **O turismo e as territorialidades na perspectiva do campo e da cidade**. Campo Grande: Ufms, 2012.

TOLENTINO, A. B. O que é Patrimônio Cultural para você? In: TOLENTINO, A. B. (org.) **Educação patrimonial**: reflexões e práticas. João Pessoa: Iphan Paraíba, 2012.

Recebido em: 28-09-2020.

Aprovado em: 01-05-2021.

TS